

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR.**

8,5

**ANALISANDO A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

VIVIAN REPESSOLD

ORIENTADOR: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

**VILHENA/ 2007.**

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR.**

**ANALISANDO A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

VIVIAN REPESSOLD  
vivianrep@hotmail.com

ORIENTADOR: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar”.*

**VILHENA/ 2007.**

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**ORIENTADOR**

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta as influências televisivas no processo ensino-aprendizagem das séries iniciais do município de Vilhena. O resultado foi obtido através de uma pesquisa participante, onde foram coletados os dados necessários para traçar as influências televisivas presentes no cotidiano escolar, através dos diferentes agentes que compõem esta comunidade: professores, alunos, gestores e pais. A partir dos discursos desses agentes e da revisão bibliográfica sobre o assunto, traçou-se o grau de influência televisiva que permeia as escolas da rede pública municipal de Vilhena, contribuindo assim para uma melhor compreensão de como os discentes estão recebendo informações através dos recursos tecnológicos e como articular esses conhecimentos de uma forma positiva, desenvolvendo o pensamento crítico e a autonomia do aluno.

Agradeço a **Deus**, por me conceder o maravilhoso dom de viver e estar constantemente aprendendo.

Dedico esta monografia a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional, e de maneira especial à minha **família** que tanto amo.

*“A vida é um livro, onde somente os curiosos e principalmente os atrevidos lêem além da introdução”.*

**Vivian Repessold**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – BREVE PANORAMA SOBRE A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE EVOLUÇÃO SOCIAL, A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO	14
1.1. EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	15
1.1.1. A VISÃO DE EDUCAÇÃO COMO UM PROCESSO PRIVATIVO DA ESCOLA ARCAICA	17
1.2. DESAFIO DA ESCOLA NO SÉCULO XXI: INSERÇÃO DA CIDADANIA	18
1.3. A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	19
CAPÍTULO II – RECEPÇÃO, COMUNICAÇÃO, APRENDIZAGEM E CONSUMO	21
2.1. CULTURA E RECEPÇÃO	22
2.2. EDUCAÇÃO: UMA FORMA DE COMBATER O CONSUMISMO	25
2.3. INFORMAÇÃO E RECEPÇÃO	27
2.4. A PRESENÇA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	28
2.5. LIMITES E POSSIBILIDADES DA UTILIZAÇÃO DA TV NO ENSINO	33

CAPÍTULO III– RESULTADOS DA PESQUISA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

## **INTRODUÇÃO**

### **CONTEXTO**

Nunca, em toda a história da humanidade, o homem recebeu tanta informação. As novas tecnologias propõem novos modelos de comportamento, novas maneiras de aprender a realidade, ampliam nossa visão de mundo e conseqüentemente modificam as linguagens.

As novas tecnologias interferem nos modos de pensar, sentir, agir, relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos. A televisão a muito tempo abandonou suas características de mero suporte, criando sua própria lógica, sua linguagem e maneiras particulares de comunicar-se com o homem por meio de suas capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicativas. Isto implica na necessidade da escola, seus dirigentes e professores discutir e compreender seu papel nos processos de ensino-aprendizagem.

Ao abordar a educação para o consumo seletivo da TV, o objetivo é desenvolver a capacidade crítica dos alunos para analisar e fazer uma leitura dinâmica dos programas de televisão a partir do conhecimento das linguagens, das condições de produção e recepção.

Os professores podem ajudar crianças e adolescentes a estabelecerem critérios, a formar juízos, a elaborar opiniões menos espontâneas e a reconhecer programações de qualidade. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de

interpretação; ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão.

Para garantir êxito nos índices de audiência, programas exibem situações ridículas, constrangimentos, crueldade, violência e dor. Não se explica nem se faz reflexão sobre situações dolorosas. Embora toda emissora seja concessão pública, donos, produtores e apresentadores ignoram sua finalidade educativa.

A compreensão da TV como um dos principais meios de aquisição de informações por um grande número de pessoas, sempre as menos favorecidas, orienta a nossa observação para a forma especial como essa aquisição acontece.

Ao contrário do processo linear, sistemático e previsível das aprendizagens tradicionais, das formas regulares de ensino, a aprendizagem televisiva é formada através da percepção visual em um processo dinâmico e veloz constituído através de olhadelas rápidas e pontos isolados na tela.

De certo modo, somos todos “educados” pela mídia, embora não somente por ela. Na escola podemos compreender e incorporar mais e melhor as novas linguagens. A imagem televisiva superpõe linguagens e mensagens somando-as sem entretanto separá-las. Isso facilita a interação com a audiência e aumenta seu poder de influência. Somos tocados pela comunicação televisiva sensorial, emocional e racionalmente. Sua linguagem poderosa, dinâmica e veloz, responde tanto a sensibilidade das crianças e dos jovens, quanto à dos adultos, dirigindo-se antes à afetividade que à razão, interferindo nas atividades perceptivas, imaginativas e comportamentais.

A esse respeito, Coelho (2003, p. 91) afirma:

*“(...) como preparar as pessoas para entrar em contato com os fenômenos da indústria cultural e deles extrair o melhor? (...) A saída está na organização ou reorganização da vida privada e não na alienação dessa vida na massa ou no coletivo. Não se trata, por certo de um retorno à ideologia do capitalismo liberal, que criava uma visão individualista do mundo mas era, na prática, contra o indivíduo; mas, sim, de uma proposta passível de criar as condições de existência de uma consciência individual realmente autônoma, capaz de gerar, por sua vez, essa entidade (agora, sim, coletiva) básica numa sociedade de indústria cultural, de meios de comunicação de massa que é a opinião pública (...).”*

Na recepção, a autonomia do sujeito e as especificidades dos contextos culturais permitem reelaboração do significado das mensagens. Isso não implica uma mídia neutra, nem um receptor todo poderoso. A idéia de que o poder reside exclusivamente no receptor é falsa, afirma Martin-Barbero (1995, p. 52), quando explica que o estudo da recepção sobre os usos que as pessoas fazem dos meios e de suas leituras, pode levar ao idealismo de crer que o receptor tem o poder de fazer o que quer, sem limites sociais fortes. Importa o que se lê, o que se consome.

Ainda em relação à recepção, Martin-Barbero (1985, p. 52), completa o seu pensamento:

*“Perguntem a qualquer dona de casa. Ela sabe que importa o que se consome, que não pode ser qualquer coisa, porque se o que ela compra é ruim, ela não pode fazer uma comida muito boa, ainda que seja uma cozinheira fabulosa. Há limites no seu saber de cozinheira, dependendo dos ingredientes com os quais vai cozinhar. Então o poder não está todo no lado do consumidor, não está todo no lado de quem cozinha, depende daquilo com que vamos cozinhar, daquilo que vamos ler.”*

Segundo a teoria Behaviorista, o ser humano é produto do meio em que vive, já a teoria Construtivista reconhece que o organismo e o meio exercem funções complementares, deste modo observamos que ambas as teorias não negam a influência do meio sobre o indivíduo. O meio tem papel fundamental na formação do cidadão.

Deste modo é interessante investigar como essas influências acontecem e as implicações dessas influências na adoção de novos modelos que precisam ser vistos com cuidado para não afastar demais da realidade próxima das pessoas a quem a informação se dirige.

Diante dessa nova realidade o papel do professor também se altera para se adaptar ao ritmo e as exigências educacionais dos novos tempos, numa visão crítica e analisadora de como a comunicação se processam.

Dada a abrangência do assunto abordado, verificou-se nas salas de aula uma grande influência televisiva nos alunos que varia desde a linguagem até a comportamentos psicológicos, o que me levou a escolher este tema para investigar, uma vez que as tecnologias da informação e da comunicação são intermediárias entre quem aprende e os conteúdos por ela veiculados.

## **O PROBLEMA**

Sabemos que as tecnologias da informação e da comunicação estão presentes em nosso cotidiano não apenas em forma de suporte, mas de cultura. Como a TV influencia a sociedade contemporânea e qual a relevância dessa influência no processo ensino-aprendizagem.

## **OS OBJETIVOS DO TRABALHO**

- Refletir nossas práticas diante da pluralidade de imagens e mensagens audiovisuais em que estamos imersos: umas incitam ao consumo e massificam, outras provocam o ser-conhecer do homem;
- Discutir e analisar a influência televisiva no processo ensino-aprendizagem;
- Discutir sobre o uso dos meios de comunicação para educar;
- Fomentar o debate sobre a posição de receptor diante do interlocutor;
- Analisar a preferência dos alunos por determinados programas de televisão e as implicações devido a determinada preferência.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos propostos no presente trabalho, seguem-se os seguintes caminhos metodológicos da pesquisa.

Primeira etapa: levantamento bibliográfico para fundamentar o referencial teórico.

Segunda etapa: pesquisa de campo através do método dialético, uma vez que os fenômenos estudados serão vistos a partir das contradições e modificações que ocorrem no objeto de estudo.

Terceira etapa: elaboração final da dissertação monográfica.

## **ESTRUTURA DO TRABALHO**

A dissertação está estruturada em cinco capítulos distribuídos da seguinte forma:

O primeiro enfoca, de um modo geral, a influência da TV na sociedade contemporânea.

O segundo propõe uma retrospectiva histórica sobre a relação existente entre evolução social e evolução tecnológica.

O terceiro discorre sobre a presença dos recursos tecnológicos no processo ensino-aprendizagem, propondo um estudo sobre a recepção e a posição do receptor mediante as influências dos meios de comunicação de massa.

O quarto, verifica, compara e analisa os dados coletados mediante o referencial teórico já produzido e apresentado.

## **CAPÍTULO I – BREVE PANORAMA SOBRE A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE EVOLUÇÃO SOCIAL, A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO**

A sociedade contemporânea é reflexo das transformações ocorridas no mundo tecnológico. A evolução social do homem confunde-se com a evolução tecnológica, onde esta resulta daquela ou vice-versa. Essa relação fica explícita na forma como as diferentes épocas da história da humanidade são reconhecidas pelo avanço tecnológico correspondente. Idades da pedra, do bronze, do ferro, correspondem, na verdade, a momentos em que esses recursos foram transformados e utilizados como tecnologias pelos homens.

No século XVIII, a invenção da máquina a vapor deu origem a Revolução Industrial, termo estabelecido pela tradição para nomear os acontecimentos que, a partir do século XVIII, modificaram de forma brusca a vida da sociedade, dando forma e vigor a indústria naquele período. Marcou a etapa decisiva de transição de um esquema incompleto “pré-capitalista” para um estado em que as características fundamentais do capitalismo se impõem: progresso técnico continuado, capitais mobilizados para o lucro e uma separação mais clara entre duas classes sociais, opostas e complementares: a burguesia capitalista, dono da capital e dos meios de produção, e o proletariado, classe assalariada desprovida dos meios de produção e dona exclusivamente da sua força de trabalho.

Silva (1996, p. 42) fala que “*a Revolução Industrial tem um significado histórico muito mais amplo do que apenas o desenvolvimento dos mecanismo*”

*aplicados à produção*”, ou seja, o crescimento tecnológico, para ele foi essencialmente uma evolução industrial.

Toda essa retrospectiva histórica faz-se necessária para compreendermos que a evolução tecnológica e a evolução social estão intrinsecamente ligadas.

Atrelada a essas duas evoluções, evoluiu-se também a forma de se comunicar. Segundo Giovannini (1987, p. 25):

*“Talvez a história dos meios de comunicação do homem possa começar, ainda que impropriamente, com as mais antigas mensagens visíveis que chegaram até nós: as representações pictóricas do paleolítico”.*

Atualmente, vivenciamos uma “Revolução Informacional” resultante dos processos de globalização, aliados ao desenvolvimento dos recursos tecnológicos.

Devido a evolução na forma de se comunicar e a evolução na forma de se comunicar e a evolução tecnológica surge a imprensa. Esta proporciona à civilização humana o alcance a um novo estágio de cultura, as informações sobre os acontecimentos mais significativos de sua trajetória já podem chegar aos lugares mais distantes do planeta.

## **1.1. EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

O homem passou a dominar a vida de outros homens pela tecnologia. Há neste caso uma diferença na imposição pela força através das guerras, a imposição foi por uma ideologia, e de caráter irreversível. Novos problemas surgiram em favor da massificação da informação, como a exclusão social daqueles que não estão inseridos no processo de informatização da cadeia produtiva.

A linguagem audiovisual cria o efeito de presença, reduzindo espaço-tempo. O que nos remete ao conceito de imagem virtual, levando-se em consideração a definição de Joly (1994, p. 39-40): *“sua função principal é imitar com tanta perfeição que podem se tornar virtuais e provocar a ilusão da própria realidade sem serem reais. São análogos perfeitos do real. Ícones perfeitos”.* Nos dias atuais, o desenvolvimento industrial e tecnológico, se trouxe novas possibilidades de

entendimento aos homens e dimensões humanas, também carregou consigo sua tragédia potencial: a possibilidade de extinção da própria espécie.

O homem criou, enfim, um mundo potencialmente mais comunicativo, coletivamente mais usufruível e, simultaneamente com maiores riscos de autodestruição.

A sociedade contemporânea obtém informações através de transmissões ao vivo dos mais variados lugares do planeta. Esta crescente evolução tecnológica foi desencadeada a partir da Revolução Industrial.

Hoje a informação é importante para que saibamos aquilo que acontece nas distintas regiões do mundo, e nos posicionemos diante de culturas, comportamentos, política, economia, etc., mas também para uma melhor compreensão do mundo na sua totalidade. A televisão, bem como os meios de comunicação de massa, redefiniu as formas como se organizavam a comunicação nos séculos XVI e XVII. Sua presença no cotidiano de grande parte da população mundial produziu não apenas novos modos de sociabilidade como também uma série de efeitos sobre a subjetividade.

Existe um consenso a respeito do fato de que as modernas sociedades industriais são sociedades muito violentas; existe também um consenso de que a televisão e os diversos meios de comunicação de massa, de produção imaginária da cultura, tem uma responsabilidade forte na produção da violência.

Em meio a discussão emerge duas posições diferentes: a primeira estabelece uma relação de causa e efeito onde as crianças que assistem programações com cenas violentas tendem a ser mais violentas; a segunda desmente a primeira questionando que não existe um modelo de imitação e, se assim fosse a nossa sociedade já teria se auto-destruído, pois modelos de destruição é o que não falta na TV.

No entanto, acredito-me que nas sociedades regidas pela cultura de massa, a cultura de massa é uma formação predominante na nossa sociedade. O mundo que é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento pelos meios de comunicação, com destaque para a televisão é predominante.

Muniz Sodré defende a idéia de que as novas tecnologias, na verdade, são uma hibridização de tecnologias já existentes. Assim, o mundo sofre hoje uma *mutação* tecnológica e não propriamente uma *revolução* (SODRÉ, 2002, p. 13). Para ele, não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização dos processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonía, televisão, computação) há algum tempo. Hibridizam-se igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem), dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hipermídia (SODRÉ, 2002, p. 13).

É preciso enfrentar a discussão, perceber o campo, construído como objeto científico, conhecê-lo, pois são os meios que contemporaneamente, atribuem significado à realidade. Sua presença envolve a todos, percorrendo todos os níveis da sociedade. Eles apresentam profundas implicações no funcionamento da sociedade contemporânea, participando ativamente do processo educativo.

Nessa condição, os meios são importante objeto de estudo no campo pedagógico. A relação comunicação/educação é multidisciplinar: economia, política, estética, história, linguagens, entre outros saberes que o compõe.

Assim, as pesquisas que resultam desse diálogo entre os saberes que nos permitem apontar os meios como maiores produtores de significados compartilhados, colocam os meios no centro das investigações e procura dar conta da complexidade destas relações.

### **1.1.1. A VISÃO DE EDUCAÇÃO COMO UM PROCESSO PRIVATIVO DA ESCOLA É ARCAICA**

No Brasil a televisão com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação.

Os agentes do processo educacional somos todos os que participamos de uma determinada comunidade, que vivemos no tempo e no espaço de uma dada sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade.

Hoje essa realidade é atravessada pela presença dos meios de comunicação. A condição de “educar” é própria da natureza desses meios, cada vez mais desenvolvidos tecnologicamente, o que lhes permite estar em muitos espaços ao mesmo tempo. Eles ocupam lugar privilegiado no processo educacional, ao lado da escola, da família e de outras agências de socialização.

Por essas e outras razões, podemos perceber como fundamental a construção do campo da comunicação/educação. Esta relação não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Ela abrange tudo isso e se resume na construção da cidadania que é um leque maior implicando num repensar social, não só da escola, como também de todas as instituições sociais

## **1.2. DESAFIO DA ESCOLA NO SÉCULO XXI: INSERÇÃO DA CIDADANIA**

Na escola atual o ensino requer profundas mudanças. Esta transformação é essencialmente da própria concepção de educação, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, como definiu a Lei de Diretrizes e Bases.

Os objetos de transformação não são apenas o professor, os métodos de ensino, os alunos, o currículo ou qualquer outro item do processo educacional, mas a essência, a educação como função de ser na sociedade.

A exigência de novos padrões de produtividade e competitividade em função dos avanços tecnológicos, a visão de que o conhecimento é a matéria prima das economias modernas, e que a evolução tecnológica vem afetando não apenas os processos produtivos, mas também as formas organizacionais, as relações de trabalho e a maneira como as pessoas constroem o conhecimento e requerem um novo posicionamento da educação. Ao lado da necessidade de uma sólida formação básica, é preciso, também, desenvolver novos hábitos intelectuais de simbolização e formalização do conhecimento, de manejo de signos e representação, além de preparar o indivíduo para uma nova gestão social do conhecimento, apoiada num modelo digital explorado de forma interativa.

### 1.3. A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Nas últimas cinco décadas, as transformações ocorridas no mundo tecnológico ocasionaram mudanças significativas na sociedade, influenciando-a na maneira de pensar, sentir, agir e conseqüentemente na maneira de relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos. Estas mudanças nos hábitos sócio-culturais, geram transformações na consciência individual, na percepção de mundo, nos valores e nas formas de atuação social.

A tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns como utilizar o telefone, fazer compras no supermercado ou pagar uma conta no banco. Assim, surge um novo modelo de sociedade, caracterizada pela velocidade das alterações no universo informacional e na necessidade permanente de atualização do homem para acompanhar essas mudanças.

O homem, imerso neste grande fluxo de informações que, de um lado permite estar “bem informado” do outro dificulta o “processamento” dessas informações de um modo crítico e atuante. O modo de perceber e interpretar a realidade torna-se mais sensitivo, emotivo e estético do que racional, tende-se mais ao “sentir” do que “pensar”. Esta predominância sensitiva se dá através das infinitas possibilidades oferecidas pela tecnologia: imagens, sons, luzes.

Sánchez (1999, p. 71) afirma:

*“A predisposição a acreditar nas mensagens dos meios depende dos critérios que o receptor tiver formado de si, não propriamente em relação a conteúdos, mas em relação aos meios e à sua capacidade de analisá-las. Isso somado à dificuldade de uma opinião elaborada e formada sobre os conteúdos oferecidos, conduz a aceitar esses conteúdos como corretos.”*

A intensidade das cores, das imagens, dos símbolos e dos sons envolve inteiramente o indivíduo dentro do contexto transmitido. Quando as pessoas entram em contato com essa junção de imagens, sons e cores, ocorrem simultaneamente um impacto visual, físico e psicológico que submerge ao sistema perceptivo da pessoa que está sendo estimulada.

Perceber o mundo através do audiovisual leva uma percepção multidimensional, as imagens são construídas em nossa mente a partir dos estímulos visuais oferecidos na tela, em um processo dinâmico, as respostas tendem a ser globais, sensório-motoras e emotivas.

Os meios de comunicação nos unem ao mundo, nos transmitem o mundo. No entanto, isso não garante democratização nas instituições formadoras de consciência social, e é pelo impacto psicossocial de sua presença na sociedade contemporânea que se reclama profundas reflexões por parte dos pais, educadores e gestores da vida sociopolítica do país.

A ampla polemica desencadeada tem contribuído para a revisão dos saberes veiculados pelas instituições escolares e o papel destas no conjunto dos atuais meios de produção e disseminação da informação.

Os estudos sobre a relação “escola e cultura” no enfoque da reprodução cultural, tem produzido importante bibliografia abordando o fenômeno a partir das mais diversas concepções.

MUYLAERT (1995, p. 20) assinala que:

*“A televisão é fator transcendental na solução (ou agravamento) dos problemas nacionais, da educação e saúde, até da cultura. É preciso que os responsáveis por esse veículo, uma concessão do governo federal a particulares para eu aja e produzam em seu nome, sejam convencidos de que da sua colaboração efetiva para o equacionamento das questões que afligem a sociedade surgirão as primeiras soluções para os nossos problemas sociais.”*

No entanto, a interpretação aleatória desse assunto existe mesmo entre aqueles que subentende-se que deveriam ter maiores conhecimentos sobre o contexto, e aí incluem-se desde acadêmicos até alguns professores.

Esse campo minado ao qual crianças e adolescentes são as maiores vítimas, é objeto de reflexão para qualquer um que pretende ingressar na área educacional.

## **CAPÍTULO II – RECEPÇÃO, COMUNICAÇÃO, APRENDIZAGEM E CONSUMO**

Quais os efeitos da televisão nos receptores? Os receptores são reféns da manipulação ideológica?

É preciso reconhecer que a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a idéia que primeiro desponta. De fato, essa predominância ganha espaço quando o receptor, desprovido de discernimento cede ao universo persuasivo do emissor.

No entanto não existe uma relação sempre direta, linear e unívoca do emissor sobre o receptor. O receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico, que interpreta a mensagem de acordo com sua visão de mundo e dos conhecimentos até então adquiridos.

A concepção clássica de recepção, cujo termo remete a uma atitude de passividade frente aos meios, passa por um processo de revisão a partir dos Estudos Culturais e das análises de recepção pois ainda que as mídias utilizem um modelo homogeneizado para veicularem suas mensagens, atendendo a interesses comerciais, não são compreendidas e assimiladas de maneira uniforme pelas audiências, que imprimem marcas subjetivas, resultantes de suas práticas sociais; usam a sua própria cultura para acatar, rejeitar ou recriar as mensagens que recebem.

Apesar de toda a intencionalidade da mensagem audiovisual, que direciona nosso olhar, é possível realizar outras leituras deste produto e, não

consumi-lo passivamente. Mas como as crianças e jovens aprenderão a fazer outras leituras da mensagem veiculada pela TV?

Segundo Ferrés (1996, p. 92):

*“[...] para produzirmos uma integração adequada da televisão à vida dos alunos, a escola e o lar devem andar de mãos dadas, cada uma com suas responsabilidades. (...) mas essa tarefa dificilmente será desempenhada por pais que, em geral, estão tão carentes de formação nessa área quanto seus filhos. Por isso, hoje, cabe à escola a maior responsabilidade na formação.”*

Ainda segundo o mesmo autor, “*uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa*” (FERRES, 1996, p. 07). Por que a escola não ensina seus alunos a assistir televisão? Um observador leigo, responderia que ninguém nos ensina a assistir televisão, aprendemos sozinhos e, não seria a escola a encarregada de mais esta tarefa.

Na verdade, aprendemos a assistir televisão sozinhos em função de a “gramática televisiva” ser de muito fácil “compreensão”, e isso se deve, em larga medida, ao papel desempenhado pela mensagem lingüística, ou seja, a mensagem “fácil”.

Mas será que isso exclui a responsabilidade da escola diante desta questão? Ferrés (1996, p. 8-9), afirma que:

*“Nos países industrializados o fato de assistir televisão ocupa o terceiro lugar na escala de atividades à qual os cidadãos adultos dedicam mais tempo, depois do trabalho e do sono, e o segundo lugar no tempo dedicado pelos estudantes (...) Nesse contexto, se uma escola não ensina a assistir televisão, para que mundo está educando?”*

Neste sentido, esse ensinar a assistir à televisão, pode ser compreendido como ensinar a ler a mensagem audiovisual veiculada por diferentes meios.

Desta forma, devemos compreender este novo desafio da escola dentro de um contexto de leitura. As crianças e jovens precisam lidar, dentro do ambiente escolar, com a leitura dos diferentes meios, e não só com a leitura da palavra escrita.

## 2.1. CULTURA E RECEPÇÃO

Em uma situação que a exposição a um meio de comunicação, estão presentes em quase todas as situações dos cidadãos.

A generalização dos meios de comunicação na sociedade fez com que eles sejam percebidos como elementos integrantes de nossa realidade, que fazem parte do nosso meio ambiente mais imediato.

Para uma boa parte dos receptores, a informação proporcionada e a formação disponível sobre os meios, tornam impossível uma elaboração pessoal das mensagens, aceitando-se a elaboração que os próprios meios fazem dos conteúdos.

A realidade é a realidade dos meios, não é possível uma construção pessoal da realidade, a menos que se tenha um nível de formação adequado.

Por tudo isso, é evidente que seria interessante conduzir uma análise da problemática da comunicação a partir da idéia de cultura, e isso nos obriga a aceitar a existência de uma problemática na relação comunicativa entre grupos sociais com culturas diferentes.

A cultura, portanto, é da ordem da práxis e está ligada à vivência cotidiana. É fruto da ação, a qual dá orientação e significação para as representações simbólicas. Neste sentido, *“a análise da cultura de uma formação social exige uma reconstrução da realidade que é elaborada a partir da consciência que dela têm os portadores da cultura”* (Durhan, 1977, p.34), estratégia adotada neste estudo que trabalhou com os produtores culturais ligados aos movimentos culturais regionais e à indústria cultural.

A tradição, a situação econômica, a religião, o clima, a distância física etc. São elementos que podem incorporar diferenças culturais, e portanto, comunicativas, entre grupos humanos distintos, entre sociedades distintas.

Ainda que à distância e os problemas físicos tenham desaparecidos, continuam as distâncias culturais. Emissores e receptores não partem dos mesmos critérios de significação, tendo em comum somente os que são impostos pelo próprio meio.

Um programa realizado no Canadá, com critérios culturais canadenses, pode ser recebido por um cidadão brasileiro que o decodifica a partir de outros critérios.

Dessa forma precisamos falar da idéia de uma cultura supra cultural no sentido de que se atua sobre as culturas dos diferentes grupos sociais, já que influenciam a todos eles com suas peculiaridades comunicativas, seus conteúdos singulares e seus recursos expressivos, que favorecem ou eliminam determinadas interpretações. É a cultura própria dos meios de comunicação que de certo modo se opõem à cultura.

A análise culturalista, pelo contrário, leva a uma noção estática do processo, pois encerra uma normatização que tende a reificação do conceito, sendo, portanto, inadequada para analisar o produto cultural da sociedade contemporânea, que possui elevado grau de heterogeneidade cultural. Desta forma, afirma a autora que

*“toda análise de fenômenos culturais é necessariamente análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática” (Durhan, 1977, p.34).*

Cada indivíduo desenvolve ao longo da vida, sua própria cultura e seus próprios critérios de interpretação da realidade.

A decodificação se faz no espaço da cultura pessoal do receptor. É a cultura própria, são as crenças próprias que conferem significados às mensagens que vem dos meios, e, em última instância, outorgam a essas mensagens um valor e um sentido independente do sentido de quem as emitiu.

Essa relação comunicativa entre influência e decodificação ou interpretação das mensagens, à medida que é colocada em relação ao ensino, nos obriga a buscar conhecer quais seriam os elementos significativos a serem considerados, para que aconteça uma valorização e uma participação consciente dos sujeitos na recepção desses meios.

A cultura que os meios geram, está em permanente mudança, e que obriga uma superficialidade em tudo que ela significa. Por outro lado, ela comporta uma constante adaptação as novas realidades, e isso faz com que os receptores, carecendo de referentes válidos, nutram ingênua idéia de que possuem um conhecimento das coisas semelhantes àquele que é enunciado pela cultura tradicional.

O fato real é que nos encontramos diante de uma situação concreta, na qual são necessárias que essas duas culturas, que muitas vezes estão em conflito, convivam.

Um dos objetivos primordiais, do sistema educativo de qualquer país, hoje, deve ser formar uma pessoa capaz de discernir entre sua cultura pessoal, grupal, etc... e a cultura dos meios de comunicação. Isso conduz ao desenvolvimento pessoal, no sentido de estar em condições de fazer uma análise pessoal da cultura que os meios propõem independente de quais sejam as correntes culturais ao seu redor.

## **2.2. EDUCAÇÃO: UMA FORMA DE COMBATER O CONSUMISMO**

Atualmente, a sociedade ocidental é fundamentada pelo poder da mídia (televisão, livros, revistas, jornais, novelas, filmes), marketing e propaganda. Os devaneios motivados pelo delírio ocasionado pelo desejo exacerbado de acúmulo de capital repercutem na degradação ambiental, exploração sexual, discriminação, preconceito, exclusão, problemas de saúde, entre outros. O mundo será ainda mais demarcado por países desenvolvidos e subdesenvolvidos, a produção e o trabalho serão destinados a um fim determinado pelo sistema forjado por aspectos políticos e econômicos do neoliberalismo (CARVALHO, 1998b).

Estamos imersos a uma economia capitalista, em que muitas vezes a relação capital/lucro e até mesmo os próprios valores da sociedade são deturpados, na qual você é induzido, especialmente pelo poder de persuasão da publicidade e das mídias, a comprar além do que autorizaria sua capacidade econômico-financeira.

Hoje, os meios de comunicação de massa e a publicidade criam e divulgam referências culturais comuns, sendo os principais ativadores de uma cultura global. Ao mesmo tempo em que a publicidade, dentro do fenômeno da globalização, busca atingir uma padronização de consumo e de estilos de vida, forjando referências culturais mundializadas, observa-se um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades, que promovem uma nova configuração das audiências. Nesse sentido as mensagens publicitárias invadem os lares, as ruas, os shopping centers, e outros tantos locais tornam-se presença

constante no cotidiano das pessoas, apresentam um mundo de fantasias e sonhos, realizável através de um produto ou serviço. A publicidade objetiva persuadir, encantar ou seduzir o receptor, motivando-o à aquisição e ao consumo de produtos e/ou serviços.

A propaganda utiliza a persuasão como meio de conquistar as pessoas, usando a margarina “x”, sua família será tão unida e sorridente quanto a do comercial apresentado, ou usando a roupa “y”, você ficará irresistível, sensual e resolverá todos os seus problemas.

Dessa forma, a mensagem publicitária “faz a cabeça” do consumidor, manipulando a sua vontade. O estímulo artificial das propagandas faz com que as pessoas gastem mais do que têm e do que realmente precisam, sua vontade de possuir nunca é totalmente satisfeita, sempre se quer mais alguma coisa.

O ser humano é uma construção histórica que adquire seus valores e objetivos baseado em estereótipos, em fundamentos alicerçados, atualmente, em uma mentalidade mecanicista legitimada pelo padrão capitalista de qualidade de vida que, caracteriza a realização individual pelo acúmulo de bens materiais. Os reflexos desta mudança comportamental a partir da era pré-histórica são diretos, repercutindo na educação física como responsabilidade inerente de transladação desse raciocínio em benefício da satisfação e harmonia coletiva (Sérgio, 2001; Carvalho, 1998a).

As mercadorias carregadas de um suplemento erótico são também carregadas de imaginação, um erotismo imaginário que engloba os mais importantes meios modernos de publicidade (jornais, rádio, televisão). Utilizando o desejo e o sonho como ingredientes e meios no jogo da oferta e da procura, a publicidade destas mercadorias recai sobre a libido operando de uma forma quase psicanalítica das latências eróticas.

Além da atitude de consumo, a propaganda comercial também veicula como a propaganda ideológica, como modelos de apresentação pessoal, de relacionamentos e de comportamentos, além de roupas, maquiagens, decoração. Inconscientemente, e pela repetição, vamos assimilando o que deve ser consumido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber, a que programas assistir, sem indagar se esses produtos são adequados aos nossos gostos e preferências, a tipo

de vida que levamos, ao tipo de salário que recebemos, enfim às condições concretas da nossa vida. E sem essa reflexão sobre as nossas condições reais de vida, viveremos alienados e sem nenhuma condição de transformação do real. Entretanto, o ato de consumir faz-se necessário para que se estabeleçam as relações de produção e satisfação das necessidades do homem, porém, a educação pode e deve despertar o lado crítico e reflexivo dos consumidores de forma que mesmo diante das influências dos anúncios publicitários, o indivíduo tenha consciência do que realmente deseja e necessita comprar, estabelecendo, ele próprio, as suas preferências e a opção por consumir ou não determinado produto.

### 2.3. INFORMAÇÃO E RECEPÇÃO

Com o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, as informações transitam globalmente em frações de segundos. Isso contribuiu para aproximar diferentes culturas aumentando a interação entre diferentes etnias. Todavia, isto não significa que os cidadãos contemporâneos tenham conhecimento crítico do mundo que vivem. A forma como cada indivíduo participa dos processos comunicativos varia em função da relação que estabelece entre as novas informações e as suas estruturas de conhecimento; da capacidade de analisar e relacionar informações; e de uma atitude crítica frente a fonte de informação. Ao menos é o que acredita o escritor Soares (1943: 27), quando constatou sobre o tema que:

*“... pelo impacto psicossocial de sua presença na vida contemporânea, a Era da Informação representa o espaço e a razão de profundas reflexões por parte dos pais, educadores e dos gestores da vida sociopolítica do País”.*

Em torno das sofisticadas tecnologias circula todo tipo de informação, atendendo a finalidades, interesses e funções bastante diferenciadas; umas massificam e incitam o consumo, outras provocam reflexões levando o indivíduo a experimentar o conhecimento crítico do mundo que o circunda.

Apesar da crescente globalização tecnológica, o acesso ao mundo da tecnologia e informação ainda é restrito a uma parcela da sociedade. A partir da década de 90, a Internet quebrou as barreiras do tempo e do espaço, no que se refere a informação, mas para um grande número de pessoas a televisão continua sendo a única fonte de conhecimento sobre “outras culturas”. No entanto, o maior

problema não diz respeito a falta de acesso a informações ou às próprias tecnologias que permitem o acesso, e sim a pouca capacidade crítica e procedimental para lidar com a quantidade de informações e recursos tecnológicos que são oferecidos. Isso pressupõe o desenvolvimento de competências relacionadas à capacidade de aprendizagem contínua, ou seja, à autonomia na construção e na reconstrução do conhecimento: capacidade de analisar, refletir, tomar consciência do que já sabe, ter disponibilidade para transformar o seu conhecimento, processando novas informações e produzindo um conhecimento novo.

A esse respeito, Santiago (1991, p. 149) afirma que:

*“[...] um homem de boa vontade hoje, um cidadão, mesmo analfabeto, tem uma quantidade de informação que ultrapassa e muito a informação que tinha um homem de boa vontade, um cidadão, mesmo alfabetizado, há meio século. O grave problema é o de saber como transformar a quantidade de informação em conhecimento, como conduzir um cidadão a incorporá-la qualitativamente para que dela se possa valer na sua compreensão da sociedade e do mundo em que vive.”*

#### **2.4. A PRESENÇA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Os seres humanos utilizam a multimídia no seu processo de comunicação. A imagem se tornou uma forma de comunicação extremamente relevante no contexto da sociedade atual. A mídia utiliza massivamente a imagem na publicidade, na televisão, em revistas, a fim de comunicar fatos, idéias e conceitos. Imagens em movimento compostas com sons geram informação multimídia, e a comunicação multimídia auxilia o processo cognitivo ampliando o processamento de informações que constrói o conhecimento no indivíduo.

Através da televisão, diariamente milhões de brasileiros recebem uma grande quantidade de informação audiovisual. O Brasil é um dos grandes consumidores da imagem televisiva, o que tem influenciado significativamente o desenvolvimento da sociedade e da população brasileiras.

A grande maioria dos jovens e estudantes brasileiros passa mais tempo assistindo televisão do que envolvendo-se em tarefas escolares. A televisão se transformou em um grande educador, contudo, os valores que transmite buscam

o entretenimento e o lazer. Embora existam alguns programas dedicados a auxiliar a Educação, e até um canal público, a TV Educativa, a TV aberta no Brasil não tem como diretriz o processo educativo.

*“[...] resgate da tecnologia educacional, tal como defendida pelo tecnicista pedagógico, mas tratada agora, de forma diferente: - a partir de discussões relativas ao paradigma da empresa flexível e integrada: e (estritamente ligado a isso) – em termos da consideração das tecnologias no trabalho escolar não apenas como método/ recurso de ensino, (ou de gestão escolar), mas também como / objeto de ensino”. (OLIVEIRA, 1999, p. 155)*

Sem dúvida, os novos conhecimentos científicos alcançados principalmente na Computação, Matemática, Física e Biologia, assim como os desenvolvimentos tecnológicos do século XX trouxeram grandes avanços em todos os campos das atividades humanas, possibilitando novas formas de viver e pensar, alterando as relações do trabalho e do capital. Estes novos rumos possibilitaram aos cientistas, filósofos e educadores novas formas de pensar, e a idéia cartesiana de que a razão e a ciência, resolveriam todos os problemas humanos, está cada vez mais sendo questionada e ninguém tem mais a certeza de que o que se aprende e o que se ensina seja a verdade última. Essa crise epistemológica afetou decisivamente a escola e os professores. E em todos os níveis do aprendizado, a didática, empregada há mais de um século, baseada na linearidade do aprendizado e na compartimentalização do saber, vem sendo questionada.

Freqüentemente, temos assistido ao fracasso de estudantes que não conseguem adaptar-se àquele paradigma da escola que conhecemos. A escola apresenta baixos rendimentos sendo solicitada por governos, professores, pais e alunos, a rever seus processos. Os alunos, filhos da sociedade da informação e da tecnologia interativa, criados com um controle remoto e um *mouse* na mão, consideram as aulas pouco atrativas e por isso não se dedicam o necessário.

Qual seria então a filosofia necessária para guiar as práticas que levem a mudanças significativas na escola, nos currículos, na postura do professor diante do aluno, a mesma desde o século XIX, que leve em conta as transformações da nossa sociedade, os desenvolvimentos pessoais e inter-relacionais, e a influência cada vez mais presente das tecnologias de comunicação e informação no cotidiano das pessoas?

Por outro lado, as novas tecnologias de informação e comunicação, como disseminadoras de informação e conhecimento, liberam alunos e professores das limitações de tempo e espaço e enriquecem o ensino com recursos de multimídia, interação, simulações, permitindo o estudo individualizado e independente da sala de aula.

Diante desse contexto, a escola é constantemente solicitada a se adequar à influência da mídia audiovisual, com suas imagens dinâmicas. No cotidiano fora da escola, professores e alunos vivem e atuam na realidade das tecnologias avançadas, em que a máquina modifica e até substitui as tarefas humanas, mas não conseguem introduzir essas novidades na escola. O que acontece por duas razões decisivas: o despreparo dos educadores para a utilização dos recursos audiovisuais; e os altos investimentos necessários para aquisição de infra-estrutura nas escolas.

Algumas experiências com a Internet, na implementação de sistemas didáticos, têm comprovado que esta mídia traz facilidades de aprendizado a um público maior, podendo diminuir diferenças regionais e quebrando o ciclo de isolamento dos núcleos educacionais e científicos. Acredita-se que com a Internet, cujos recursos favorecem a interação e a autonomia de decisões, modalidades de utilização de audiovisuais podem ser exploradas de forma combinada, ampliando as possibilidades, além da simples unidirecionalidade da televisão.

O MEC (Ministério da Educação e Cultura), percebendo que os recursos audiovisuais constituem um componente importante para a exploração de novas possibilidades pedagógicas, capazes de contribuir para a melhoria do trabalho em sala de aula e as dificuldades estruturais por que passa a escola pública brasileira, lançou o Programa TV Escola, uma importante iniciativa para capacitação continuada dos professores da rede pública. O Programa foi criado com o objetivo de ser mais uma estratégia para reduzir as taxas de repetência e evasão; motivar professores, alunos e comunidade escolar; incentivar atitudes autônomas como base para a aprendizagem e propiciar o desenvolvimento permanente.

O Programa TV Escola utiliza a televisão como principal meio vinculador, mídia já consagrada, por aliar imagem e som numa mesma sessão de difusão de informação. A programação é transmitida por sinal aberto, não codificado, para permitir acesso a um maior número de pessoas. O Programa possui um rico

material informacional que pode ser extensivamente utilizado e aplicado em sala de aula como motivador e gerador de questões a serem trabalhadas pelos currículos escolares.

Apesar dos seus 7 anos de atuação, o Programa ainda é utilizado de modo individual e não sistemático, isto é, não integrado ao projeto pedagógico das escolas de ensino médio. As atividades que envolvem uso do computador e das novas tecnologias também são utilizadas de maneira incipiente.

A popularização do computador e o crescimento das redes de computadores, as tecnologias de informação, em especial a Internet, estão cada vez mais tornando-se imprescindíveis ao cidadão comum. Nos dias de hoje, a alfabetização digital de nossos jovens não é apenas necessária como também exigida. O Brasil só se incluirá na sociedade mundial da informação quando a grande maioria de seus cidadãos estiverem envolvidos com as tecnologias de informação, usando-as fluentemente no seu dia a dia. Alfabetizar digitalmente nossos cidadãos é torná-los, no mínimo, capazes de dominar as tecnologias de informação básicas, imprescindíveis ao uso de computadores e equipamentos similares.

A tentativa de unir televisão e informática, para alcançar uma maior amplitude no processo de difusão das informações pela TV Escola a professores e alunos das escolas do país torna-se interessante, uma vez que a tecnologia, além de enriquecer o processo ensino-aprendizagem, propicia o desenvolvimento integral do aluno, valorizando seu comportamento emocional, crítico e imaginário.

O Programa TV Escola foi lançado em 1996 para o Ensino Fundamental, e em 1999 para o Ensino Médio, desde então o interesse e a utilização, dos professores e das escolas, pela programação vem crescendo a cada ano. No entanto, a utilização das novas tecnologias como auxiliares no processo ensino-aprendizagem e a apropriação do Programa TV Escola ocorrem de forma isolada, e portanto vulnerável, por iniciativa de alguns professores e/ou diretores que já admitem o alcance estratégico na utilização destas ferramentas para a melhoria da qualidade do ensino. Isto significa que não existe a incorporação do Programa no projeto pedagógico como uma estratégia da escola, na direção de uma apropriação significativa visando um trabalho multidisciplinar.

Acredita-se que muitos fatores contribuem para explicar as razões dessa lentidão no processo de apropriação institucional, vista como uma possibilidade de crescimento do professor enquanto profissional e de modificação do fazer dentro da sala de aula, alguns deles são:

- As expressões escrita e oral ainda são as únicas componentes da linguagem vigente na formação da maioria dos professores, e a falta de domínio da linguagem audiovisual traz insegurança para trabalhar com imagens, e por não dominar esse modo de expressão muitos professores confessam-se decepcionados com o uso da TV e do vídeo em sala de aula, o que favorece uma resistência a uma prova prática pedagógica;

- Muitos professores diante das atribulações do cotidiano se acomodam considerando que a utilização da tecnologia da imagem acarreta muito mais trabalho, pois além da real necessidade de tempo disponível para assistir e analisar os vídeos, eles ainda precisam aprender a utilizar a tecnologia;

- Muitos ainda acreditam que a tecnologia da imagem poderá substituir os professores, num futuro próximo e daí a resistência em aceitar a inserção das novas tecnologias. Para acabar com estas incertezas deve-se provar que a tecnologia apenas pode ajudar no processo, e esta tecnologia só atua com qualidade quanto é usada pelo homem com criatividade e a certeza de que nenhuma imagem, computador ou software será suficientemente competente para substituir o professor, ainda por um longo período de tempo.

O ensino praticado em sala-de-aula deve também privilegiar o conhecimento das novas tecnologias, que diariamente participam ou que intervêm nas vidas dos alunos, dos seus pais, da sociedade e da própria escola. Com isso não significa que se deve buscar um ensino com conhecimento simplesmente tecnológico ou utilitarista, que ensine o aluno a utilizar as novas tecnologias, e sim, que ele esteja minimamente preparado para conhecer e entender os avanços científicos e tecnológicos capazes de modificar a sua própria vida e mentalidade.

O professor desempenha um importante papel no processo de aprendizagem do conhecimento da sociedade. Um professor consciente e crítico é capaz de compreender a influência da tecnologia no mundo moderno e é capaz de colocá-la a serviço da educação e da formação de seus alunos, articulando as

diversas dimensões de sua prática docente, no papel de um agente de mudança. Os professores precisam fazer um uso efetivo das várias tecnologias, de modo a oferecerem aos alunos as experiências educacionais que serão exigidas na próxima década, preparando-os para o seu papel na sociedade moderna.

A tecnologia, pode servir de suporte para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa crítica e criativa por parte de alunos e professores. Esta pode ser utilizada para gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes de aprendizagem em que a atividade reflexiva, atitude crítica, capacidade decisória e autonomia sejam privilegiados.

No entanto o uso de recursos tecnológicos na sala de aula ou em laboratório, não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A aprendizagem só será concretizada se o educador, ciente das condições cognitivas dos seus alunos, posicionar-se como mediador dos conteúdos veiculados.

## **2.5. LIMITES E POSSIBILIDADES DA UTILIZAÇÃO DA TV NO ENSINO**

A televisão é, sem dúvida, o meio de comunicação com maior representatividade no Brasil. Esse dado, permite nos supor o impacto que a TV tem exercido na formação, desenvolvimento e aprendizagem de nossos educandos e nos dão uma idéia das necessidades, possibilidades e desafios posto para aqueles que se dedicam à educação.

De fato, a influência da TV sobre a sociedade e, mais especificamente sobre a criança, bem como incorporação desse meio de comunicação ao sistema formal de ensino, tem sido objeto de estudo e reflexão de inúmeros pesquisadores e educadores.

Os problemas apontados pela maioria dos pesquisadores e professores, atribuídos aos conteúdos veiculados e à natureza da transmissão televisiva, pela velocidade e caráter unidirecional com que as informações/mensagens são transmitidas relacionam-se à formação de gostos e atitudes e à aceção de valores inaceitáveis pelos próprios adultos, pais e professores. Outros, ainda, relacionam-se ao desenvolvimento e à aprendizagem do

público infantil, tais como a pouca imaginação (ANDERSEN, 1987) destruição da estrutura psíquica (SILVA, 1996), entre outros.

Por outro lado outras pesquisas realizadas não só amenizam a responsabilidade da TV em relação aos seus possíveis limites, mas também apontam a possibilidade de utilização desse meio de comunicação para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Entre os pesquisadores que defendem esse posicionamento estão: GREENFIELD (1988) E MAZZOTTI (1998).

Este segundo grupo defende a idéia de que os possíveis efeitos negativos da TV sobre a sociedade e sobre a criança já foram muito difundidos. Ressalta que os efeitos prejudiciais da TV são decorrentes da forma como esta é utilizada e atribui grande importância ao papel do adulto diante da relação criança – TV. De acordo com esta visão, assistir televisão pode tornar-se uma atividade passiva, paralisante se os adultos não orientarem o que seus filhos devem ver na TV, ensinando-os a assistir criticamente e a aprender com o que assistem.

Estes defende ainda a necessidade de gerar idéias positivas que possam ajudar a tornar a TV e os novos meios de comunicação eletrônicos, recursos construtivos na vida das crianças que se usados adequadamente, podem fornecer oportunidades para a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Dentro desse contexto, a utilização pedagógica da televisão apresenta alguns benefícios para a aprendizagem da criança, sendo necessário determinar de que forma cada meio pode ser melhor utilizado para que possa contribuir para um sistema criativo da multimídia educacional.

A incorporação da TV pela escola é defendida também por outros pesquisadores e educadores, pois, seja qual for a qualidade dos efeitos da televisão sobre a sociedade e sobre a criança, o fato é que esse meio de comunicação faz parte da experiência de vida de nossos alunos e interferem no cotidiano escolar.

Hoje o sistema formal de ensino, incluindo o ensino infantil à pós-graduação, vem vivenciando e experimentando uma invasão dessa cultura tecnológica, ou por pressão direta da indústria cultural, de equipamentos, entretenimento e comunicação, ou pela própria pressão do meio social que em que estão inseridos, onde a convivência nesse mundo impregnado desses novos valores, levam para a escola todos os seus elementos, inclusive a mentalidade

formada através de um “modelo social” o ideal imaginário, longe de ser o ideal prático e também a deteriorização do ser.

Crianças, jovens e adultos elaboram sua visão de mundo considerando a televisão. Sua presença constante na vida cotidiana de nosso alunado, o alto potencial deseducativo e as vantagens que reúne enquanto recurso pedagógico, fazem da TV uma aliada importante na tarefa educacional.

Nesse contexto, a escola tem duas tarefas importantes a realizar: de um lado precisa se utilizar do potencial dos recursos tecnológicos enquanto um suporte didático; de outro, a necessidade de minimizar os aspectos negativos da TV, aproveitando-os inclusive, para o benefício da formação, desenvolvimento e aprendizagens dos alunos, através do ensino formal.

Atualmente, atribuir grande responsabilidade à escola no que diz respeito à minimização dos efeitos negativos da TV, tem sido praxe entre os estudiosos do assunto. Isto porque considera-se o fato de que os pais não tem tempo para orientar seus filhos no tocante ao consumo da TV.

De acordo com essa premissa surgem várias possibilidades de incorporação da TV na escola, dividindo opiniões de como esse recursos seria melhor utilizado.

Na verdade, há muito tempo vem se cogitando a integração dos meios de comunicação com a escola e nos últimos anos a crescente preocupação de se produzir filmes educativos, além de esforços para a construção de TV's educativas no Brasil tem sido relevante.

No entanto a utilização da TV em sala de aula não deve se esgotar na possibilidade de instrumento ilustrativo de assuntos trabalhados na aula, mas deve ser entendida como o próprio objeto de estudo, de análise e reflexão dos seus conteúdos veiculados. A forma como esses recursos vem sendo utilizados não modifica a relação dos alunos com os meios de comunicação nem minimiza os aspectos negativos por eles inseridos.

Contudo, as vantagens dessa possibilidade de utilização da TV não são de todo negadas, constituindo um valioso instrumento para aproximar realidades distantes dos alunos da sala de aula.

Finalmente, há aqueles que defendem a possibilidade de discussão dos conteúdos da TV na escola, como uma forma não só de minimizar as consequências malélicas da televisão na formação dos indivíduos mas, principalmente, para aumentar a capacidade crítica dos educandos. Freire (1984: 16), por exemplo, ressalta que: “Os educadores que não estão satisfeitos com a concepção consumista do mundo, precisam ver o que é possível fazer com o antídoto à alta força manipulativa ou idealizadora de alguns desses meios”.

Porém utilizar a TV comercial para promover a aprendizagem dos conteúdos escolares, estimulando a criatividade dos educandos, a criticidade dos programas televisivos bem como suas publicidades não é tarefa fácil, tampouco tarefa simples. Não podemos simplesmente colocar um aparelho de TV na escola e dizer que estamos inserindo-o nas atividades escolares. A presença constante da TV em nossas vidas, e as possibilidades de sua utilização no âmbito escolar, requer uma ampla discussão no seu processo de utilização e uma adequada preparação do professor para fazer uso desses meios.

Se por um lado a aprendizagem exige uma atitude essencial do professor de implicar-se ativa e participativamente nesse processo de construção conjunta de significados estando disponível para aprender a aprender, aprendendo a ser, a fazer e a conviver; por outro lado, a aprendizagem assim desenvolvida possibilita maior autonomia do aprendiz, evitando reduzi-lo a um mero consumidor de idéias prontas e acabadas.

Buscar discutir a elaboração de propostas de utilização da televisão e do vídeo nas práticas pedagógicas, inserindo-as nas discussões mais amplas do Projeto Político-Pedagógico da escola é contextualização necessária, ponto de partida para a transformação das práticas pedagógicas, alicerçando-as no diagnóstico da realidade local, das possibilidades e das dificuldades.

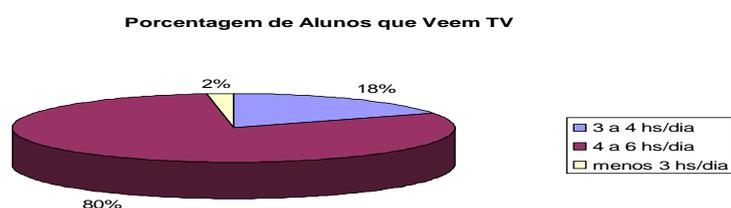
### CAPÍTULO III – RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo pauta os resultados da pesquisa realizada com professores, alunos e gestores da rede municipal de educação de Vilhena, durante os anos de 2004 e 2005. Com o objetivo de verificar as concepções mais correntes entre os professores sobre a influência televisiva no processo de ensino-aprendizagem, aplicou-se um questionário contendo 10 (dez) questões para os professores (ver anexo), onde buscou-se conhecer a postura do professor diante da TV, bem como a ação e reação dos alunos dentro do contexto televisivo.

Na busca de maiores subsídios para atingir os objetivos estabelecidos foram entrevistados através de técnica de pesquisa participante, professores, gestores, alunos e pais.

Após a aplicação do questionário aos professores e gestores e da entrevista feita com os alunos, pais, gestores e professores foi feita a tabulação dos dados de acordo com a análise a seguir.

Inicialmente constatamos que, 80% dos alunos vêem TV cerca de 4 a 6 horas diárias, 18%, 3 a 4 horas e 2% vêem TV em média inferior a 3 horas por dia.



Ao analisar os dados contidos no gráfico acima, concluímos que o espantoso tempo disponibilizado para ver TV, reflete na aprendizagem pois o apego excessivo aos programas de televisão despede o hábito da leitura e da escrita e leva a criança a se relacionar com um mundo idealizado, em que as mães são todas felizes, os carros viajam em paisagens fantásticas, que tudo é limpo, ordenado. A criança não se relaciona propriamente com o real social, mas sim com a lei da realização dos desejos e dos sonhos.

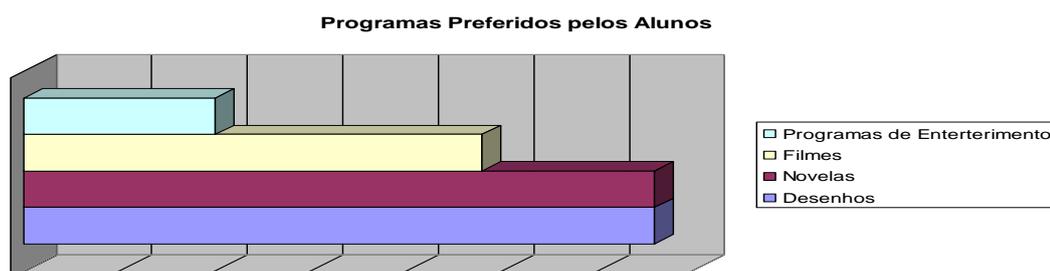
Observamos ainda que um grande número de estudantes do período matutino, tem preferência pelos filmes da “sessão da tarde”; horário em que as propagandas que atinge esta faixa etária apresenta-se de forma mais intensa.

Em contra partida foi relatado por alguns pais, que seus filhos vêem TV a noite, especialmente as telenovelas da rede Globo, apresentadas em horário nobre e que ao término destas ainda vêem a programação a seguir. Esses mesmos pais ainda informam que seus filhos não gostam de estudar no período matutino, ou por dormirem até mais tarde, ou por acompanharem a programação infantil, especializada em desenhos e outros programas de entretenimento no período da manhã.

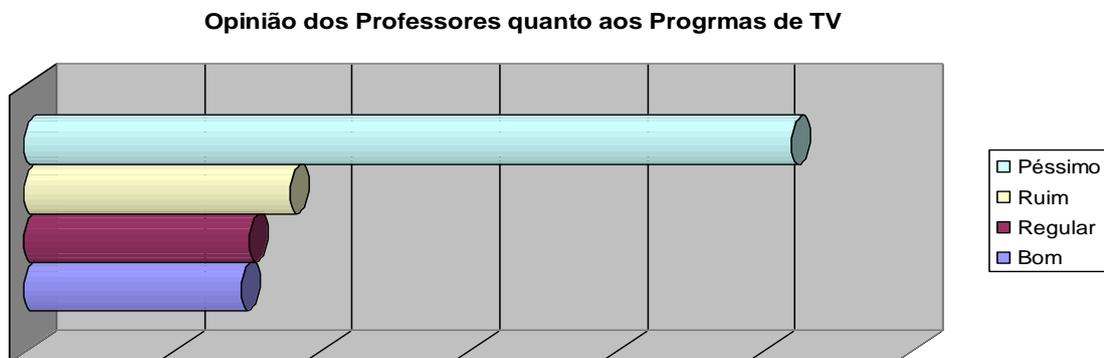
Vale ressaltar que os estudantes do período vespertino, apresentaram um maior número de horas diante dos aparelhos de TV, em relação aos alunos do matutino.

Em relação aos programas preferidos dos alunos, constatamos que:

- a) Em primeiro lugar está o desenho, ao lado do desenho com o mesmo percentual na preferência estão as novelas.
- b) Em segundo lugar os filmes.
- c) Em terceiro lugar, programas de entretenimento.



Ainda, cabe dizer que 52% dos professores entrevistados consideram ruim o conteúdo televisivo, 18% declararam ser péssimo, 15,3% acham regular e 14,7% consideram bom.



Há razões para que se acredite no surgimento de uma televisão mais pluralista, que interprete de forma mais ampla o pensamento da sociedade; há razões também para que se acredite na manipulação deste espaço pelos tradicionais donos do poder.

A questão passa naturalmente pela discussão do conteúdo, e aqui surge uma outra interessante constatação: no mundo inteiro, seja lá qual for o regime político ou a forma de organização social, poucos estão satisfeitos com sua televisão. E se não estão satisfeitos é porque a televisão, seja lá sob que disfarce se esconda, não tem conseguido preencher as expectativas da sociedade. A qualidade da programação oferecida tem sido historicamente uma das colunas de sustentação do interminável debate sobre méritos e deméritos da televisão pública ou privada.

Pode ser que este pensamento nem sempre esteja respaldado pelos fatos, mas de qualquer maneira não é a consistência da análise estética que determina a insatisfação do telespectador com a programação oferecida pelas televisões.

Perguntamos ainda se as crianças podem responder negativamente aos estímulos televisivos. A esse respeito os professores salientam que:

- a) O conteúdo de certos programas incita e desperta vícios e maus instintos para a juventude e posteriormente para a vida.
- b) As crianças imitam a maneira de ser de cada personagem. Imitam até a roupa.

c) O acesso televisivo estimula o consumismo e a violência, aflorando a sexualidade mais cedo.

d) As crianças copiam o que vêem, em virtude de não ter maturidade para discernir o que é certo ou errado.

e) Os modismos e as gírias vistos na TV, até mesmo as lutas, influenciam os alunos.

f) A propaganda influencia muito a vida das pessoas. A TV ocupa muito espaço nos lares.

g) A TV forma, informa e deforma.

Outros professores ainda focalizaram que:

a) As crianças precisam entender o lado bom e ruim da história, para isso um adulto deve acompanhar.

b) Certos programas incentivam, não todos.

c) O que mais influencia é a questão social do nosso país, se houvesse mais investimento na educação, este quadro mudaria.

d) A família e a escola devem alertar e discutir sempre essas questões, pois as crianças podem ser manipuladas facilmente.

e) Algumas crianças não se envolvem, outras sim.

f) Acho que não, a televisão na maioria das vezes é vista como fantasia.

g) Uma criança pode assistir qualquer programa se ele tiver alguém ao seu lado, para falar sobre as faces do programa.

Participaram do estudo 50 (cinquenta) professores que ministram aulas nas instituições de ensino da rede municipal de Vilhena, distribuídos entre as escolas: Ivete Brustolin, Vilma Vieira, Martim Lutero, Hermógenes e Cristo Rei, frente a dois critérios acima apontados.

A utilização da entrevista como principal procedimento metodológico, mostrou-se pertinente ao objetivo, uma vez que possibilita compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

A análise dos dados, permitiu verificar que os limites para a realização de um trabalho com a TV em sala de aula, segundo a percepção dos professores que participaram deste estudo, vinculam-se a aspectos referentes ao tipo de televisão assistida (comercial ou educativa), sua respectiva influência sobre a formação e desenvolvimento da criança, e ao papel que atribuem a família e à escola, no tocante à formação das crianças frente a TV.

No que se refere à primeira categoria citada, os dados parecem indicar que os professores participantes, manifestaram opiniões categóricas acerca dos conteúdos de televisão: aqueles veiculados pela TV educativa são apresentados pelos professores, como adequados aos alunos; os programas da televisão comercial são descritos como aqueles que necessariamente tem efeitos maléficos para a aprendizagem das crianças. Neste sentido, declaram que a TV comercial transmite informações deturpadas, questões e cenas a que as crianças não deveriam ter acesso e, também mensagens e valores opostos àqueles que se pretende alcançar no processo de formação do indivíduo. As declarações dos professores, parecem indicar uma preocupação mais acentuada com as questões da agressividade e do consumismo que caracterizam a programação da TV comercial. Os relatos dos professores parecem indicar que alguns têm uma visão de educação restrita ao que é considerado adequado, bom para a criança. Assim sendo, um relativo número de professores parece não acreditar na possibilidade de utilização da TV comercial como fonte, material rico no tocante ao aspecto educativo. Já que esta é associada ao não apropriado para a criança.

Quando se abordou a questão referente ao papel da escola e da família na formação do público infantil frente à televisão, os mesmos professores que não acreditam no aspecto educativo da TV comercial, atribuíram à família a responsabilidade de selecionar e orientar a criança. No entanto, declaram que os pais não estão assumindo esta tarefa, transferindo, assim, para a escola, a necessidade de formar o telespectador. Portanto estes professores não vêem esta tarefa como naturalmente da escola, ao contrário do que se espera, tendo em vista a relação desta com a realidade vivenciada pelo aluno.

Porém, a opinião da maioria dos professores que participaram desta pesquisa difere desta visão. Para eles, o conteúdo da TV comercial pode e deve ser utilizado em sala de aula como instrumento a ser pesquisado e discutido, juntamente

com os alunos, afirmaram que já fazem uso destas práticas pedagógicas, aproveitando-se do interesse das crianças por notícias veiculadas pela televisão, para promover debates, discussões e pesquisas. Neste contexto, os professores citaram várias questões percebidas como resultante do convívio com a televisão, sobretudo a comercial, trazidas pelos alunos para a sala de aula. Esta forma de entender e praticar o aproveitamento da televisão em sala de aula, no entanto, parece condicionada aos conteúdos que os professores estão trabalhando em sala de aula.

Verificou-se também a tentativa de amenizar a influência negativa da televisão sobre a formação dos alunos. Neste caso, os professores declararam que procuram fazê-lo através de muita conversa com as crianças, ou, ainda, lendo e contando histórias que forneçam uma visão diferente daquela que é veiculada pela televisão, abrindo um amplo espaço para o debate.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar para o exercício da cidadania, para uma leitura crítica do mundo, inclui necessariamente educar para uma leitura crítica dos meios de comunicação.

As crianças das séries iniciais ainda não tem conhecimento suficiente para ter autonomia de opinião, sobre a qualidade dos textos através dos quais estão aprendendo. Em geral estas consideram que se o professor pediu para ler, é porque aquele texto é importante.

No entanto isso não impede que possam pensar, ajudadas pelos professores, sobre a qualidade de diferentes tipos de textos que chegam até elas: os textos de propagandas veiculadas permanentemente pelos meios de comunicação, na televisão, no rádio e até mesmo a paisagem urbana está repleta de cartazes e sinais luminosos contendo textos de propaganda.

Atualmente as crianças estão mais expostas aos conhecimentos que a televisão, que àqueles advindos da escolaridade ou das relações familiares. Frente a televisão, as crianças entram em contato com novas culturas, novos modos de vida. No Brasil, diferentes conteúdos veiculados pela TV proporcionam à criança de hoje uma visão de mundo muito mais ampla do que a visão que uma criança tinha a pouco mais de meio século.

Os aparelhos de televisão como o meio de comunicação que mais intervém, diariamente, no sistema educacional é um veículo indiscutível de

expansão dos espaços de aprendizagem que a sociedade moderna nos oferece. Estes, estão hoje no centro da vida doméstica como meio de entretenimento e fonte de informação permanente para toda a família.

O sistema escolar não pode ignorar esse fato: deve reconhecê-lo e integrá-lo. Tampouco ignorar a existência de determinadas programações ditas infantis mas que não tem um objetivo educativo e mesmo cultural declarado. Telenovelas em horários vespertinos, por exemplo, veiculam valores adultos através de uma psicologia adolescente, como se estes valores fossem também valores infantis: namoro, moda sexy, etc; são maquiados pela presença de personagens e cenários coloridos.

O mundo infantil que essa programação propõe é uma versão de um ideal de mundo adulto, desenhado pelos valores da burguesia na sociedade contemporânea.

À escola como instituição legal de ensino, cabe orientar os estudantes para uma visão crítica frente a fonte de informações que estão expostos diariamente, para que estes possam tornar-se sujeitos ativos no processo de comunicação e não meramente receptores.

No entanto isso não anula a responsabilidade dos pais, para com os seus filhos no âmbito educacional. Cabe a estes ensinar a seus filhos as qualidades da televisão, bem como as suas discrepâncias para com a realidade, ajudá-los a reconhecer na televisão um meio de comunicação e entretenimento, um veículo de informação que pode ser utilizado como um espaço suplementar da escola.

Ainda em relação a utilização dos recursos tecnológicos nas salas de aula, é preciso ter em mente que recursos tecnológicos não são apenas computadores, televisão, vídeo cassete, DVD, etc.

Se o professor considerar os textos publicitários como uma fonte de conhecimento e informação, terá um bom instrumento em mãos, para revelar às crianças as artimanhas da publicidade, suas armas, qualidades e defeitos.

Um bom começo pode ser uma simples pesquisa sobre os textos que compõe as embalagens alimentícias, por exemplo.

O professor pode analisar com seus alunos, diversos tipos de embalagens e os textos que as compõe. Pode contar às crianças que a propaganda pode ser mentirosa e que as leis atuais exigem que isso seja punido. Afinal, no passado, tantos xaropes eram impunemente vendidos como cura para tudo, e tantas pessoas foram logradas, que começaram a surgir os códigos de ética na propaganda, os serviços de defesa do consumidor, a vigilância sanitária, etc.

À medida que o professor, juntamente com as crianças transformam a publicidade em objeto de estudo, terão oportunidades para desmascarar sua linguagem, intuir seus méritos e defeitos, sua eficácia e poder de inserção na vida cotidiana.

Porém, é preciso que o Ministério da Educação invista em tecnologias avançadas, pois para acompanhar a sociedade do século XXI, é preciso que o cidadão em formação saiba muito mais, que fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação, é preciso interagir com esses meios, manuseá-los de forma técnica e prática, para uma completa inserção da cidadania.

Considerando a dificuldade do trabalho com a TV em sala de aula, por mim vivenciada, na experiência de docência na Educação, e que pesquisas recentes ressaltam o aumento do consumo diário dos programas televisivos entre crianças das séries iniciais, o presente estudo representa um investimento inicial para uma melhor compreensão acerca da relação que se dá entre o espectador infantil, a TV e a escola, como um caminho que possa viabilizar a formação de um profissional da educação, capaz de se utilizar dos diversos recursos tecnológicos em sua prática diária. Busca, assim, delinear o posicionamento dos professores em exercício profissional acerca do trabalho com a televisão comercial e educativa em sala de aula, indicando os limites e possibilidades encontrados e implementados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Maria José Beraldi. Aprendizagem e televisão, In: WITTER, Geraldina Porto e LOMÔNACO, José Fernando B. Psicologia da aprendizagem: áreas de aplicação, São Paulo: EPU, 1987.

BRASIL, TV na escola e os desafios de hoje. curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública. Uni rede e SEED/MEC/Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. 2. ed., revisada, Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed., Brasília: A Secretaria, 2001.

BÁRBERO, Martin. J. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação/MEC, 1993

BÁRBERO, Martin. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia, Porto Alegre: UFRJ, 1985.

CARVALHO, M. G. Tecnologia e sociedade In: Tecnologia e Interação, João Augusto S. L. A. Bastos (Org.) Coletânea "Educação e Tecnologia", PPGTE, CEFET-PR, 1998b.

COELHO, Teixeira. O que é indústria cultural, São Paulo: Brasiliense, 2003.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica cultural na sociedade moderna. In: Ensaio de opinião. Rio de Janeiro: Ed. Inúbia, 1977. v.4.

FERRES, Joan. Televisão e educação, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. [et al]. Sobre educação – diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

GIOVANINNI, Bárbara, Assim o homem inventou a comunicação.. In: Giovani Giovaninni (coord) Evolução na comunicação: sílex ao silício. Rio e Janeiro : Nova Fronteira, 1987.

GREENFIELD. P.M. O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica: os efeitos da TV, computadores e vídeos-game. São Paulo: Summus, 1988.

JAKOBSON, R. Funções da linguagem. In JOLY, M. Introdução à análise da imagem 3.ed.São Paulo. Papyrus, 1994.

JOLY, M. Introdução à análise da imagem. 3. ed.São Paulo. Papyrus, 1994.

KARAM, Francisco José Castilho. Jornalismo, ética e liberdade, São Paulo: Summus, 1997.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MAZZOTTI, A. J. [et al]. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

MUYLAERT, Roberto. Marketing cultural e comunicação dirigida. 4. ed. São Paulo, Editora Globo, 1995.

OLIVEIRA, M.R.N.S. Tecnologias Interativas e educação em debate, Fortaleza CE ed. N 37, p. 150 – 156. 1999.

REZENDE, A. L. M. de. [et al]. A teve e a criança que te vê. São Paulo: Cortez, 1993.

SANTIAGO, A.V. Educação e Sociedade. Campinas: Cidade Nova, Vol. 24 nº 85, 1991

SÁNCHEZ, Francisco Martinez. Os meios de comunicação e a sociedade. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação/MEC, 1999.

SÉRGIO, M. Motricidade humana e saúde. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 12, n. 2, p. 129-138, 2001.

SODRÉ, Muniz. Uma teoria da comunicação linear e em redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SCHWARTZ, Tony. Mídia: o segundo deus. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Francisco de Assis. História do homem, São Paulo: Moderna, 1996.

SILVA, G. A. O poder da TV no mundo da criança e do adolescente, São Paulo: Moderna, 1996.

SOARES, Ismar de Oliveira. Sociedade da informação ou da comunicação? São Paulo: Cidade nova, 1996.

SOARES. Suelly Galli. Educação e comunicação. São Paulo: Cortez, 1943.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos, Petrópolis: Vozes, 1996.

[http://www.fecap.br/portal/arquivos/extensao\\_rev\\_Liceu\\_on\\_Line/adorno.htm](http://www.fecap.br/portal/arquivos/extensao_rev_Liceu_on_Line/adorno.htm). Acessado em 09, abr..2005.

<http://www.canaldaimprensa.com.br/opiniao/aquartedição/opiniao.htm>. Acessado em 09, abr.2005.